

Capítulo 7

O ciúme nas relações amorosas adolescentes

*Meu bem me deixa sempre muito à vontade
Ela me diz que é muito bom ter liberdade
Que não há mal nenhum em ter outra amizade
E que brigar por isso é muita crueldade
Mas eu me mordo de ciúme
(Ciúme - Ultraje a Rigor)*

Cláudia Yaísa Gonçalves da Silva

Ah, o ciúme! Diariamente convivemos com diferentes histórias, próximas ou de outrem, que designam comportamentos ciumentos com variados modos de abordagem e consequências. O ciúme se manifesta nos relacionamentos amorosos normais quando se está diante da possibilidade de um terceiro irromper e ameaçar a relação, pois tem-se a tendência de preservação do vínculo afetivo existente. O ciúme pode ser vivenciado como algo natural e até estimulante para alguns casais, no sentido de “dar uma apimentada” na relação, quando se é objeto do ciúme, de forma a se sentir especial e desejado pelo outro. Contudo, nem sempre a convivência com esse sentimento se mostra equilibrada, pois, pode se tornar perturbadora, desajustada e trazer desconforto tanto para aquele que sente ciúme, quanto para seu objeto.

O ciúme nunca é uma relação apenas dual, ele envolve o ciumento, o objeto do ciúme e o suposto rival, o qual pode ser real ou imaginário. Frequentemente delata a incompletude humana, a impossibilidade de



se garantir sermos únicos para o outro, sendo que é justamente essa dificuldade acrescida de uma sensação de onipotência do homem, que tanto leva a abalos e temor da rejeição.

Atualmente assistimos a uma ampla variedade de possibilidades nas relações amorosas em geral. Giddens (1991) esclarece que a partir da Modernidade os relacionamentos passaram a ser vivenciados enquanto “laços baseados em confiança, onde a confiança não é pré-dada, mas trabalhada, e onde o trabalho envolvido significa um processo mútuo de autorrevelação” (p.123). Também a busca pela autossatisfação se tornou evidente nos relacionamentos amorosos por meio de uma crescente intimidade e abertura para com o outro. Com isso, verifica-se a supremacia de características afetivas como determinantes para a constituição de um relacionamento, diferentemente da época em que os casamentos eram arranjados e se prevaleciam os interesses familiares de ordem econômica, social ou moral.

No que tange as relações da adolescência vale destacar algumas singularidades. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece que o período da adolescência inicia-se aos dez anos e avança até os dezenove anos (UNICEF, 2011). Contudo, na realidade brasileira vigente, o término dessa fase tem-se estendido há alguns anos a mais em virtude de diversos fatores históricos, sociais, políticos e econômicos. O jovem hoje (classe média) dedica maior tempo no aprimoramento de seus estudos, fazendo cursos, aprendendo novas línguas e aventurando-se em intercâmbios, antes de ingressar definitivamente no âmbito do mercado profissional. Este fato, na maioria dos casos, inevitavelmente expande o período estudantil e protela o início profissional, prolongando a dependência financeira do jovem perante sua família, de modo a mantê-lo no perfil adolescente.

Na adolescência se instaura uma etapa em que se deixa para trás as dimensões infantis e se direciona cada vez mais no sentido de estabelecer uma autonomia e responsabilidades mais próximas ao mundo adulto. Contudo, há peculiaridades que são próprias dessa fase. O adolescente naturalmente estabelece a aproximação com grupos de



Capítulo 7 - O ciúme nas relações amorosas adolescentes

pessoas da sua idade e passa a conviver com os mesmos devido haver identificação em algum nível. As atividades que antes costumavam ser realizadas em família se tornam desinteressantes e tediosas. Procura-se frequentar os programas que os colegas e amigos participam, pois o estar inserido no grupo é parte importante no sentimento de pertencimento do jovem. Este não quer se sentir excluído e rejeitado pelos pares, diferentemente, quer ser aceito e se vincular a um ambiente que pensa e age como ele, porque “os vínculos de amizade, cumplicidade e identificações com outros jovens são muito importantes, além da aparência, beleza e sucesso como forma de aceitação social” (SMEHA; OLIVEIRA, 2013, p.39).

Alguns pais possuem dificuldade em compreender tal necessidade adolescente e querem adentrar no contexto dos filhos, tornando-se muitas vezes inconvenientes e dominadores. São aqueles pais que aparecem de surpresa nas festas dos adolescentes para conferir o que estão fazendo, querem saber o que o filho está conversando com o amigo pelo celular ou o segue na saída da escola para verificar com quem se relaciona. Quando não existem reais motivos para tais comportamentos, isso pode ser entendido como uma reação de insegurança dos pais frente à conquista de autonomia e ao crescimento dos filhos. Verifica-se que certos jovens se afastam ainda mais da família quando se deparam com pais invasivos, tornando o relacionamento familiar difícil e hostil.

Entende-se que existem conflitos que são inerentes à etapa da adolescência e que acabam por suscitar angústias e incertezas no jovem. Porém, pelo fato de o adolescente ainda estar em processo de amadurecimento e não ter estabelecido para si exigências tão rígidas como o adulto, isso lhe garante a oportunidade de experimentar e de arriscar.

Da mesma forma, no âmbito afetivo, os relacionamentos adolescentes têm aparecido de modo flexível nos últimos tempos. Não é mais necessário iniciar um namoro sério para conhecer uma garota ou um garoto, pois se tem a possibilidade de “ficar” sem compromisso.



Este tipo de relação “envolve beijos, abraços e carinhos... não implica compromissos futuros e é visto como um relacionamento passageiro, fortuito, superficial, sem maiores consequências ou envolvimento profundos” (JUSTO, 2005, p.71). Em uma noite na balada é possível que um garoto “fique” com uma, duas ou várias garotas sem a obrigação de saber o nome de todas. Mas, também pode acontecer de conhecer uma garota em uma festa, de os dois “ficarem” e trocarem telefone ou se adicionarem em redes sociais. Talvez o encontro termine aí, ou quem sabe ele continue em conversas pela internet e até em um segundo encontro.

O adolescente, em sua grande maioria, dificilmente assume um relacionamento sério após ter conhecido uma pessoa há pouco tempo. O jovem até pode desejar estabelecer futuramente um relacionamento sólido ou quando for um adulto maduro almejando segurança e estabilidade. No entanto, o adolescente procura pensar no agora, na realização de suas satisfações atuais. Por esse motivo prioriza sua liberdade em experimentar coisas novas, conhecer pessoas diferentes, vivenciar experiências inusitadas e às vezes, até perigosas.

Faz parte do universo juvenil o se lançar no mundo, o criar e revolucionar. A imaturidade “é uma parte preciosa da adolescência. Ela contém as características mais fascinantes do pensamento criativo, sentimentos novos e desconhecidos, ideias para um modo de vida diferente” (WINNICOTT, 1989, p.126). Não é à toa que dizem que “o futuro está nas mãos dos jovens”, porque os mesmos parecem estar mais disponíveis a inovar, sem o receio de julgamentos sociais, a inventar, sem o peso de ter que dar certo.

As dimensões biológicas e psicológicas da adolescência

É na adolescência que se iniciam as experiências amorosas entre os pares, tendo presentes tanto aspectos biológicos, quanto psicológicos. Com a entrada na puberdade, visivelmente nota-se as mudanças nos corpos dos garotos e das garotas. O crescimento dos pelos, espinhas, engrossamento da voz nos meninos e aumento do quadril e seios nas meninas, são alguns



Capítulo 7 - O ciúme nas relações amorosas adolescentes

exemplos. Os adolescentes passam a olhar com interesse para o corpo do outro, as características físicas ganham importância e são fortes ímãs que atraem os jovens entre si. Ter algum artifício diferencial também pode ser uma grande forma para se destacar entre os demais, com piercings, tatuagens, pintura e cortes de cabelo diferentes.

A explosão hormonal invade os adolescentes e os assuntos ligados à sexualidade ganham espaço e tomam a mente dos jovens. As meninas passam a entender que podem fazer uso do corpo como jogo de sedução para despertar olhares desejosos e envolvê-los, de forma a garantirem elogios e suspiros apaixonados. Não raramente, isso gera rivalidade entre as garotas e competição sobre quem possui mais admiradores. No cenário masculino, a sexualidade surge a todo o momento nas brincadeiras e conversas. Para os meninos, a disputa envolve a conquista e a vantagem sobre os demais, aquele que é o mais “pegador” da turma, e/ou iniciou a vida sexual antes dos outros. Os garotos se sentem fortemente envolvidos pela sedução feminina, mas, nem sempre se sentem seguros para uma real aproximação e demonstração de interesse, voltando-se em alguns casos, para o mundo virtual e fantasioso a fim de dar vazão aos desejos sexuais.

Quanto aos aspectos psicológicos da adolescência, vale destacar a confusão de identidade que acomete os jovens, pelo fato de deixarem para trás alguns atributos infantis e avançarem cada vez mais em direção à vida adulta, ao mesmo tempo em que ainda existem características imaturas ligadas ao mundo infantil. O adolescente não se sente mais criança, porém muitas vezes se depara com situações em que é considerado jovem demais para se posicionar. É constantemente convidado a assumir responsabilidades, preocupa-se com o que os outros pensam que ele é, não se conforma com o papel preestabelecido a si pelos adultos, pois quer trilhar seu próprio caminho, ao mesmo tempo em que não sabe no que se tornará (ERIKSON, 1971; WINNICOTT, 2005).

Tanto no universo feminino adolescente quanto no masculino, há uma busca pela apropriação de uma identidade própria e aceitação a partir da identificação entre os pares e grupos dos quais pertence, ou



ainda, por meio do referencial de ídolos que norteiam os pensamentos e comportamentos que mais se aproximam daquilo que querem ser e acreditar. Assim, por meio desses referenciais, o jovem vai, aos poucos, em busca da constituição de uma identidade própria que o particularize. Este fato se faz importante no momento em que o adolescente se apaixona, como veremos a seguir.

O amor e a paixão adolescente

Adentrando na paixão, sabe-se que existem vários autores que se dispõem a defini-la, mas, cada pessoa individualmente também possui uma experiência subjetiva que lhe confere um entendimento sobre tal sentimento. Segundo Pregnolato (2003 apud SMEHA & OLIVEIRA , 2013, p.39), “quando nos apaixonamos, tendemos a acreditar inicialmente que encontramos a pessoa ideal que possui todos os atributos capazes de nos despertar admiração, amor e desejo, satisfazendo totalmente as nossas aspirações amorosas”. Nesse caso, a paixão se apresenta como um estado momentâneo de satisfação dos desejos e anseios afetivos, levando a crer que o objeto de amor possui a capacidade de nos preencher plenamente.

Na adolescência, além da atração física que influencia na aproximação perante alguém, há também a atração pelas dimensões pessoais do outro. A paixão adolescente, bem como o amor, são sentimentos humanos vivenciados de forma bastante intensa. O jovem apaixonado geralmente lida com a figura idealizada da outra pessoa, ou seja, há a projeção no outro de propriedades que o adolescente gostaria que a pessoa tivesse, fazendo com que nem sempre se lide com a pessoa real. É claro que quando duas pessoas estão se conhecendo e há um interesse amoroso ou afetivo de antemão, o que é apresentado são as qualidades positivas de cada um. No entanto, acontece também de nos iludirmos, enxergarmos o outro apenas com nossos olhos, destacando as virtudes e entendendo que aquela pessoa é a que mais me completa e poderia me fazer feliz.

O adolescente apaixonado se mostra fascinado pelo ser idealizado, de modo que quase tudo gira em torno daquele. Uma música, um cheiro



Capítulo 7 - O ciúme nas relações amorosas adolescentes

e um lugar facilmente o remetem ao ser amado. Também se observa um deslumbre pelo diferente a si próprio, não só nas características físicas, mas no jeito da outra pessoa ser, mais desinibida, tímida, atenciosa com todos ou até com certa rebeldia. Essa variedade de possibilidades que leva um adolescente a se apaixonar é algo positivo quando respeitado, porque abre espaço para a inclusão da diversidade.

Na paixão adolescente, verifica-se comumente a não sustentação do sentimento para com uma única pessoa por um longo período. O jovem pode se dizer hoje extremamente apaixonado por alguém do seu prédio, colégio ou curso; mas, no próximo mês pode despertar uma paixão por outra pessoa. Tal constatação parece ser bobagem para os adultos, mas é verdadeira, porque a cada dia pode se conhecer uma pessoa cujas características envolvam o adolescente em maior proporção do que anteriormente. Assim, a nova aluna da turma de inglês que recentemente chegou à cidade, pode se tornar mais interessante do que a antiga colega de classe.

A paixão também pode ser tão intensa a ponto de levar o adolescente a sofrer quando não correspondido. Em certos casos, o apaixonamento surge voltado a uma pessoa que foi vislumbrada sem ao menos saber que alguém possui tal sentimento para com ela. A exemplo, tem-se a menina que se apaixona por um rapaz mais velho, o observa todos os dias, passa em frente ao seu trabalho, sonha com ele, imagina-se sendo fletada e chora tristemente ao vê-lo com uma namorada; ou o garoto que se sente fortemente apaixonado por uma garota da sua sala, mas não tem coragem de se declarar. Vivencia sozinho esse sentimento, busca tímidas formas de aproximação, oferece ajuda em alguma matéria, chega até a tornar-se seu amigo, idealizando o dia em que ela irá se interessar por ele.

Até aqui foram apresentadas as possíveis formas de se vivenciar uma paixão na adolescência, no entanto, faz-se importante destacar que a mesma é passageira. Quando chega, invade e toma conta dos pensamentos e comportamentos do dia a dia; mas tende a se findar. Aos poucos as particularidades de um e outro vão aparecendo e aquilo



que parecia ser perfeito e completo se revela com lacunas. O ideal cai por terra e existem aqueles que não sabendo como lidar com a pessoa real que é imperfeita, se vê descontente com aquela que está diante de si. Sabe-se que essa desilusão é natural e quando bem compreendida, possibilita o avanço para o amor. Diferente da paixão, no amor se espera que aquilo que despertou o interesse no outro não seja o principal fator a manter o sentimento existente. Ou seja, não é apenas a atração física ou as dimensões idealizadas que permanecem, mas o contentamento com a pessoa verdadeira que se apresenta.

Silva (2008) contribui para essa temática ao enunciar que o amor não se define apenas por seus aspectos ideais e atração física pelo belo, mas também explicita uma base sólida a partir de uma experiência real vivida pelo homem. A paixão pode acontecer de forma unilateral, porém o amor necessita do encontro humano. O amor é expresso pelo desejo, de cada um dos envolvidos, de se realizar na relação amorosa. “Cada um dos amantes busca realizar-se no outro, ao mesmo tempo em que buscam propiciar a realização do outro com quem compartilham tal relação. É indubitável que se trata de um ato de alteridade” (SILVA, 2008, p.2).

No amor, busca-se a aproximação e o conhecimento mais íntimo do outro. Por isso o estabelecimento do diálogo é fundamental para que ambos se percebam, explorem a história de vida de cada um, seus gostos, defeitos e potencialidades, frustrações, planos a serem realizados, etc. A compreensão de que o outro não carrega o poder de garantir a minha felicidade é algo encontrado no amor prudente e amadurecido. Ao se alcançar esse nível, considera-se que para a manutenção do amor é necessário que exista o respeito mútuo e a noção de que os pontos falhos de um e outro podem ser superados, ou melhor ajustados, por meio da comunicação entre o par.

Em se tratando do amor adolescente, entende-se que o mesmo possui a especificidade de se desenvolver a partir da busca na outra pessoa de aspectos particulares de si. O jovem procura alcançar a sua identidade por meio da “projeção de uma imagem difusa da própria pessoa numa



Capítulo 7 - O ciúme nas relações amorosas adolescentes

outra, vendo-a assim refletida e gradualmente aclarada” (ERIKSON, 1972, p.133). Tal acontecimento contribui para a organização interna do adolescente diante de sua personalidade e identidade ainda em estruturação. Assim, o amor pode acontecer tanto por uma pessoa que apresenta atributos próximos aos seus, quanto por alguém que revela possuir aspectos que o adolescente admira e gostaria de ter.

Quando se configura o amor adolescente e se tem o início de um relacionamento amoroso, observa-se que o jovem, apesar de utilizar comumente os encontros casuais e sem compromisso, ainda hoje carrega o ideal do amor romântico. “O adolescente vive a tensão gerada por modelos de amor e relacionamentos antigos e modelos gerados pelas forças psicossociais da atualidade” (JUSTO, 2005, p.75). A concepção de amor romântico teve início em meados do século XVIII e final do século XIX, permanecendo nos dias atuais. Apresenta a noção de união, amor pleno e completo entre o casal que tudo suporta. Os adolescentes enamorados que vivenciam o amor, geralmente entendem que o “ficar” em geral não envolve comprometimento, mas pode ser um primeiro passo para um namoro, no qual, o amor frequentemente se concretiza. Nessa perspectiva, o amor é entendido como algo consistente e que envolve compromisso.

Ao observarmos um típico casal adolescente de namorados, facilmente identificamos a necessidade que existe de estarem juntos sempre que possível. São horas falando ao telefone, trocando mensagens de texto várias vezes ao dia ou permanecendo abraçados e de mãos dadas onde quer que estejam, como se a vida de um estivesse vitalmente atrelada à do outro. Parece exagero, mas tais fatos convergem para a necessidade que o adolescente possui em se ligar afetivamente a uma pessoa, fazendo com que se sinta mais seguro sobre sua própria identidade em constituição. Desse modo, o relacionamento amoroso se torna algo importante para o adolescente, no qual ele se compromete, se entrega e divide suas particularidades.

O adolescente quando ama se entrega ao sentimento vivido, procura na relação amorosa sua própria satisfação, de forma a se



sentir acolhido, bem querido, uma pessoa especial e amada por outrem. Nada mais importa, desde que o jovem casal esteja junto, ambos se dispõem a enfrentar os desafios que se colocarem em oposição ao relacionamento. Juras de amor eterno são ditas com efeito determinante e sem hesitação, porque os sentimentos são experienciados de modo acentuado, profundo e impetuoso. Uma viagem com a família não tem mais graça se o (a) namorado (a) não estiver presente, não se vê motivo para ir à uma festa sem a pessoa amada e se fica ansiosamente esperando o final de semana chegar para que o casal possa estar junto por mais tempo.

O amor na fase da adolescência se torna uma das principais coisas a que os jovens se ocupam e destinam energia. O envolvimento no relacionamento a dois faz com que o adolescente encontre na outra pessoa características fundamentais para a manutenção do seu próprio eu, da sua identidade. Esta é organizada inicialmente através de modelos de identificação com os pais e, depois, com os pares, na inserção em grupos e na relação afetiva (CANO et al., 1999). Por esse motivo, não raramente nos deparamos com casos em que os pais se colocam contra o namoro da filha com um determinado garoto por motivos diversos (possui vícios, é um aluno indisciplinado, faz parte de uma classe social diferente, entre outros) e os jovens passam a se encontrar escondido e começam a namorar mesmo sem a permissão dos pais da garota. A ideia que permeia a mente dos enamorados é a de que ninguém compreende o relacionamento que desenvolveram, que ambos não suportariam ficar separados e, então, a única solução é a manutenção do relacionamento às escondidas.

Porém, há relacionamentos adolescentes em que o amor romântico atinge um grau excessivo e um dos pares se coloca em extrema dependência do outro. Não há espaço para amigos ou familiares na relação, prioriza-se os programas de lazer a dois, desculpas são frequentes para os convites às saídas em grupos. Acrescenta-se em certos casos, também a impossibilidade de um terceiro se aproximar do ser amado, seja para uma conversa ou até pela demonstração de algum interesse, notificando então, o que se entende por ciúme.



Ciúme nas relações afetivas adolescentes

O ciúme recorrentemente aparece nas relações amorosas variando em diversos graus. Há aqueles que não conseguem manter o autocontrole a ponto de iniciar brigas violentas, perseguições e chantagem emocional ao (a) parceiro (a). Outros se sentem enciumados, mas procuram formas de administrar a situação de modo comedido; e ainda, existem os que afirmam não serem ciumentos, mas em uma ocasião ou outra se deparam com tal sentimento.

O ciúme “se configura como um conjunto de emoções desencadeadas por sentimentos de alguma ameaça à estabilidade ou qualidade de um relacionamento íntimo valorizado” (ALMEIDA, 2007, p.17). A ameaça pode ser verdadeira ou imaginária. Em todo o caso, a pessoa ciumenta está imersa em uma relação estimada e reconhecida enquanto importante para sua vida, a qual pode vir acompanhada de proveitos como segurança, conforto, estabilidade, contribuindo para a manutenção de aspectos emocionais daquele que despense ciúme. Por essa valorização da relação, nem sempre se obtém uma resposta adequada à uma ameaça perante a possibilidade de intrusão ou interrupção de um relacionamento amoroso.

Nos relacionamentos adolescentes não é diferente, o ciúme também se faz presente. No contexto jovem, tornou-se corriqueiro a eclosão de casais vivenciando um ciúme evidente por um dos pares. A garota que monitora a rede social do namorado a fim de verificar com quem ele conversou, a foto de quem ele curtiu e quem comentou sua postagem. O garoto que não suporta que a namorada se aproxime de outros meninos, não a deixa vestir uma determinada roupa ou sair sozinha com as amigas, são exemplos extremamente observados diariamente.

O que se passa no discurso popular é que muitas vezes a expressão do ciúme representa uma demonstração positiva de amor pelo outro, um excessivo cuidado e proteção pelo ser amado. Essa ideia está atrelada ao entendimento do amor romântico citado anteriormente, o qual é socialmente aceito. Quando o ciúme é experimentado com



limite, de forma a proporcionar o respeito ao espaço da outra pessoa, torna-se aceitável. Contudo, o valer-se da submissão de um dos pares a um relacionamento violento e abusivo, corrobora para algo prejudicial ao casal.

De acordo com (SILVA; MEDRADO; MELO, 2013, p.4).

o ciúme – considerado um dos principais componentes do mito do amor romântico – funciona como ferramenta de reforço da submissão de uma pessoa sobre a outra. De modo que, no caso dos sujeitos adolescentes, tendem a permear as relações de namoro e de ficar, atuando também na forma como os/as adolescentes constroem a noção de mulher/feminino e de homem/masculino.

Ao adentrarmos em uma cena de relacionamento adolescente permeado pelo ciúme, identificamos o quanto os aparelhos tecnológicos têm se constituído enquanto um instrumento para incitar esse estado emocional. O jovem hoje está constantemente conectado à internet via celular, *tablets* e computadores, passando grande parte do tempo em jogos e nas redes sociais. Por meio destas, é possível conectar-se a um vasto campo de pessoas que podem estar situadas em diferentes cidades e países. Nesse entrecruzamento, facilmente há a interação com amigos, conhecidos, pessoas que fizeram parte da sua vida no passado e também com desconhecidos. É parte do universo adolescente o interesse em conhecer demais jovens que compartilham dos mesmos gostos e preferências, sendo o meio virtual um favorecedor para interligar pessoas de todo o mundo. O adolescente, por exemplo, pode participar de um grupo de fãs de determinado artista *teen*, dividir fotos e as últimas notícias do ídolo; pode integrar uma comunidade virtual que reúne seguidores de determinado estilo musical e até envolver-se em campanhas, promoções e manifestações via internet.

Em meio a isso, a internet e as redes sociais adquiriram nos últimos anos, por meio de seus usuários, também o caráter de exposição das vidas privadas. Se for realizada uma busca nas redes sociais atualmente, encontram-se publicações de adolescentes a respeito de



Capítulo 7 - O ciúme nas relações amorosas adolescentes

variadas situações: relatos de fatos rotineiros, fotos dos momentos entre amigos, acontecimentos no ambiente escolar, trechos de músicas e até a exposição de momentos considerados íntimos no banheiro da casa ou com o (a) paquera/namorado (a). O ambiente virtual, para alguns jovens, assumiu a função de espaço para compartilhar tudo o que for desejado no momento e para quem puder ter acesso, sem limites. De imediato, o adolescente parece não se preocupar sobre o conteúdo publicado, sua integridade ou veracidade, mas apenas dispõe da necessidade de satisfazer seu desejo de expor, seja por diversão ou autoexibição.

No que tange os relacionamentos amorosos adolescentes, o acesso possibilitado pela internet via redes sociais, permite que a vida do outro seja inspecionada, acompanhada constantemente, como se fosse posse de si. Quando a desconfiança aflora, há jovens capazes de criar contas falsificadas (*fakes*) nas redes sociais, com a finalidade de investigar uma suposta traição ou apenas garantir que seu relacionamento não corre o risco de findar por conta de um terceiro na relação. Santos e Melo (2013) certificam que a invasão de privacidade e comportamentos de investigação por parte dos adolescentes, são expressões características do ciúme, principalmente advindo das meninas, as quais costumam controlar os namorados ou paqueras por meio das redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*. “É ainda de ressaltar que os comportamentos de investigação e/ou agressão demonstram que existe falta de confiança e uma baixa comunicação entre os parceiros/as amorosos/as, o que leva ao aumento do grau de ciúme” (SANTOS; MELO, 2013, p.255).

Todavia, nota-se entre os adolescentes, o discurso de que o ciúme evidenciaria um meio de demonstrar um grande amor. Atenta-se às meninas que se sentem lisonjeadas ao se depararem com um garoto que revela ter ciúme das mesmas, que não “sabe do que é capaz” caso descubra que algum menino tentou se aproximar da amada, ou que a mesma o traiu. Em um estudo desenvolvido por Silva et al. (2013), encontrou-se que na percepção dos adolescentes pesquisados o ciúme era compreendido enquanto sinônimo de amor e cuidado, o qual acrescenta um prazer a mais nas relações amorosas; e a não demonstração



de ciúme estaria atrelada à inexistência de amor. Nesse sentido, há todo um encantamento em torno de histórias envolvendo ciúme, nas quais o mesmo é engrandecido como prova de amor, por outro lado, acaba-se dando pouca relevância para o grau de possessividade que a relação passa a ter. Geralmente, apenas quando o ciúme atinge um nível elevado trazendo prejuízo, desconforto e incômodo ao objeto do ciúme e também à pessoa ciumenta, é que se começa a perceber que algo não está bem.

Ciúme normal e ciúme patológico

Após a exposição anterior a respeito do modo com que o ciúme é difundido nas relações adolescentes atuais, prossegue-se agora no aprofundamento do chamado ciúme saudável/normal e patológico.

Nos relacionamentos amorosos o ciúme normal é pontual e transitório, não se estende à todas as ocasiões e declara o gostar do outro, o desejo de preservar a relação. Ele abrange situações reais, como um telefonema inusitado ao (à) amado (a), ou quando o (a) parceiro (a) observa uma bela mulher ou um homem interessante que passou pela rua, e ainda na ocasião de a namorada ter recebido um elogio de um homem ou ter ganho um presente de um colega de trabalho. O ciúme normal não se desdobra e acompanha uma pessoa nas diversas situações da vida, apenas se revela em situações distintas e com base em evidências concretas.

Diferentemente do ciúme normal, o ciúme patológico abrange comportamentos hostis de controle, domínio, ameaça e verbalizações violentas destinadas ao objeto amado, dificilmente se reconhece estar errado e deposita-se a culpa no outro. “O ciumento permanece em um estado de constante vigília, ansioso, estressado e aflito, é intempestivo nas atitudes que toma, prevalecendo frequentemente atitudes agressivas, acusadoras, desconfiadas” (CENTEVILLE; ALMEIDA, 2007, p. 77). Esse tipo de ciúme é exagerado, sem provas evidentes de traição, mas o ciumento tem certo que existe uma terceira pessoa. Mensagens de celular e *e-mails* do par são frequentemente verificados, questionam-se



Capítulo 7 - O ciúme nas relações amorosas adolescentes

atrasos e amizades desconhecidas, desconfia-se do zelo que o (a) amado (a) destina para se arrumar.

O ciúme patológico traz malefícios e sofrimento para ambos, opressor e oprimido, ele sufoca, humilha, aprisiona, pois tudo e todos podem ser motivo de desconfiança. Escândalos são usuais em festas e baladas, bem como o envolvimento em brigas, há casos em que a rotina do ciumento é modificada visando encontrar pistas de uma possível traição. “A fronteira entre imaginação, fantasia, crença e certeza se torna vaga e imprecisa, as dúvidas podem se transformar em ideias delirantes. Quem sente ciúmes dessa maneira, é capaz de dedicar-se... a rastrear cada passo do parceiro” (PINTO, 2013, p. 104). Não importa quanto amor e atenção recebe do companheiro, na fantasia do ciumento, de fato o relacionamento está ameaçado por alguém de fora.

Erroneamente, o ciumento entende ser necessário controlar o (a) parceiro (a) como meio de garantir sua permanência na relação e evitar que ele se interesse por outra pessoa. A ideia de posse denuncia que o ciumento depositou grande valor ao objeto amado, de forma a lidar com ele como se lhe pertencesse. Por trás do ciúme, existe uma forte dependência e o medo de perder a pessoa amada, imagina-se que apenas ela possui o poder de preencher o vazio que a pessoa sente. O ciumento manifesta insegurança, precisa do outro para suprir as necessidades internas que ele não consegue sustentar em si. Centeville e Almeida (2007, p. 85) observaram na prática clínica psicoterapêutica que aqueles “que sentem ciúme excessivo de seu parceiro têm um complexo de inferioridade acentuado, acreditando que os outros têm mais qualidades e são mais interessantes.... é difícil para uma pessoa acreditar que alguém a ama quando ela mesma não se ama”.

No meio adolescente, o ciúme patológico em geral é percebido na violência psicológica entre os pares, com ofensas e insultos hostis, podendo evoluir à violência física. A agressão psicológica dificilmente é considerada enquanto violência pelos jovens, ainda mais quando não vem acompanhada de agressão física, pois acredita-se que as provocações e injúrias não possuem importância, são excessos que o par destina ao



outro pelo fato de amá-lo demasiadamente e querer proteger a relação. Para Santos e Melo (2013, p. 249), essa concepção é errônea porque “a violência psicológica poderá ser tão problemática como a violência física, acarretando consequências que se poderão manter por vários anos, muito irão influenciar a vivência das relações amorosas, tal como o bem-estar das vítimas”.

Constata-se no meio juvenil contemporâneo, casais adolescentes vivenciando o ciúme nos moldes que se afastam do saudável e esperado nos relacionamentos afetivos. A vivência de posse do outro surge bem marcada, o adolescente dentro dessa característica acredita que aquela pessoa a quem ele destina tanta afeição e investimento amoroso se une a ele por inteiro, como se fosse parte de si, algo que lhe pertence. Uma hipótese levantada como sendo contribuinte para essa questão, refere-se à forma com que as crianças nascidas da metade da década de 90 em diante, no cenário ocidental, têm ocupado papel central em suas famílias, muitas tornando-se os “reis” e “rainhas” da casa, a ponto de exigirem que suas imposições devam ser prontamente atendidas. Tal postura delata o contexto familiar no qual as funções parentais se mostram enfraquecidas em determinados lares. Esse quadro furtivamente é refletido nos outros relacionamentos humanos a que essas crianças estão sujeitas, pois se dentro de casa o infante pode fazer o que quer, apreende que também possui o poder sobre o colega da classe, o porteiro do prédio ou a professora da escola.

Tais crianças aqui referidas são os adolescentes e jovens de hoje, os quais estão vivendo e experimentando relacionamentos amorosos com seus pares. Em meio a isso, as referências sociais aprendidas na infância são transpostas para as relações da adolescência, de modo a encontrarmos adolescentes com grande dificuldade em lidar com a rivalidade e a frustração. Um exemplo é a menina que com seu charme atrai os garotos da escola e os dispensa, enaltecendo ser desejada por todos. No entanto, ela sequer imagina um dia poder ser dispensada por um garoto, porque mantém uma falsa segurança e onipotência de que é mais poderosa do que as “rivais”. Da mesma forma, pode acontecer no cenário masculino, aqueles que se comportam como “Dom Juan”



Capítulo 7 - O ciúme nas relações amorosas adolescentes

e conquistam uma legião de enamoradas, mas não admitem quando são rejeitados por uma delas. A respeito desses exemplos é possível acrescentar vários outros que permeiam o panorama adolescente vigente. Pinto (2013, p. 107) acrescenta que “relacionamentos positivos, fidelidade existe, porém o contrário também acontece, e é isso que perturba os amantes: o medo da mudança,... que leva ao extremo da violência, a inabilidade de pensar em dividir o outro que leva ao desespero, à falta de limites”.

A questão do ciúme e possessividade nas relações adolescentes da classe média têm adquirido um fator peculiar e recorrente. Tais aspectos podem permanecer controlados enquanto o namoro adolescente se restringe ao período em que o jovem está em idade escolar. Isso porque os namoros geralmente ocorrem entre colegas de classe ou pelo menos entre duas pessoas que residem na mesma cidade e frequentam lugares em comum. As preocupações de tais adolescentes se limitam ao contexto escolar, cursos extracurriculares (de línguas ou esporte), amigos, família e namoro/paquera. No entanto, quando chega o momento de o jovem adentrar na universidade, outras intercorrências surgem.

Nesse novo ambiente, o jovem passa a se relacionar com uma gama de pessoas que nem sempre comungam das mesmas tradições que ele, conhece novas formas de entender a vida e vivê-la. Diante de tamanha diversidade pode se sentir interessado em experimentar momentos originais. É nessa época que o jovem é iniciado no mundo das festas universitárias, churrascos de turma e viagens com os amigos. Para se sentir parte e aceito no grupo, não pode ficar de fora desse contexto. Em certos casos o par de namorados adolescentes estreiam juntos a vida universitária e passam a dividir as experiências. Contudo, muito frequentemente, acontece de um dos dois ser aprovado em uma universidade em outra cidade, estado e até país, em que a distância se torna um divisor de águas na relação. As narrativas advindas de casais que viveram tal experiência apontam ser comum no início da adaptação à mudança, um ou os dois manterem-se mais recolhidos, evitar ir a festas para prevenir desconforto e desconfiança entre o par. Porém,



com o passar do tempo há a necessidade de se integrar com o grupo universitário fora do meio acadêmico, e é nesse momento que um dos dois sente a necessidade de frequentar programas de lazer mesmo sem a presença do (a) companheiro(a).

A partir daí vários desfechos são possíveis para o relacionamento. Pode ser que o casal consiga sustentar a relação à distância buscando alternativas próprias para isso, como revezar quem irá viajar para ver o outro nos fins de semana e feriados, buscar horários em comum para conversar por mensagens ou pela internet, entre outros. De outro modo, pode ocorrer de o casal iniciar um ciclo de constantes discussões e desentendimentos por ciúme e insegurança, de forma a afetar diretamente a relação. Não raro acontecem traições por parte de um dos pares, que quando descobertas desencadeiam uma crise ou levam ao término da relação. Todas essas possibilidades geram muito sofrimento nos envolvidos, porque em geral se trata do primeiro ensaio de relacionamento mais duradouro, não sabem como agir, o que exigir ou permitir, querem que dê certo, mas também querem se lançar a novas contingências.

Essas questões de fato levam a impasses nas relações afetivas, porém, são passíveis de serem superadas e bem resolvidas pelos adolescentes, na medida do possível. Não há como assegurar que o namoro irá persistir nem mesmo quando o parceiro está presente diariamente, então, o que dizer quando a distância física se interpõe na relação. Os ensaios e tentativas são parte da vida humana e o adolescente quer saborear a diversidade de experiências, antes de se lançar a algo estável.

Caso Eloá

Um exemplo extremo de ciúme patológico, pode-se citar um evento fatídico ocorrido em 2008 no Brasil, o qual repercutiu em todo o país e também no exterior, conhecido como o caso Eloá. Na ocasião, Lindemberg F. Alves (22 anos), ex-namorado de Eloá C. P. Pimentel (15 anos), cometeu cárcere privado ao invadir o apartamento em que a



adolescente morava. Os dois namoraram durante três anos e, segundo conhecidos e familiares, o relacionamento era permeado por conflitos, brigas e frequentes término e retornos. Em um dado momento a jovem não mais quis retomar o relacionamento, o que desencadeou em frequentes perseguições e ameaças por parte do ex-namorado. O mesmo passava de moto em frente ao colégio da menina, na tentativa de coagir e demonstrar que estava por perto a vigiando. Por fim, Eloá foi baleada na cabeça e na virilha e não resistiu aos ferimentos.

O caso Eloá ganhou destaque devido à população ter acompanhado toda a negociação com o agressor por meio da mídia televisiva. Acredita-se que a polícia não tomou as medidas cabíveis para evitar a tragédia, já que Lindemberg deu dicas de que tinha tudo premeditado para assassinar a vítima, pois a manteve em cárcere privado sem sequer exigir dinheiro pelo resgate da mesma. Conjectura-se que o jovem não suportou a rejeição da ex-namorada, não admitiu para si a ideia de que ela pudesse se relacionar com qualquer outro homem, confirmando o jargão popular, “se não pode ser meu, não será de mais ninguém”. O agressor de Eloá a queria submissa aos seus mandos, mas a adolescente se recusou a manter o namoro dessa forma, contrariando o namorado.

Arreguy e Garcia (2012) afirmam que as relações amorosas pós-modernas se fundaram sob a égide da contradição da idealização do amor romântico e a influência da lógica do mercado consumista, na qual os objetos se tornaram descartáveis e passíveis de trocas. “Tomamos posse dos nossos parceiros amorosos, da mesma forma que adquirimos objetos... a ameaça de perda gera uma avalanche de ciúme, assim como era costumeiro nas paixões românticas antigas” (ARREGUY; GARCIA, 2012, p. 759). Portanto, faz-se presente o paradoxo de se viver a autorrealização na demanda daquilo que proporciona prazer, felicidade, satisfação e bem-estar no imediatismo das relações, sem precisar se prender a algo que traga desprazer. Por outro lado, ainda persiste na subjetividade e no imaginário social a vontade em sentir-se amado por inteiro no modelo romântico do alcance da segurança e conforto. Ambas as formas denotam o egocentrismo vigente, em que

o individual se sobrepõe ao plural, a garantia da realização dos desejos pessoais deve ser mantida a qualquer custo.

Toda a população assistiu ao desfecho do caso Eloá após mais de cem horas de cárcere privado. As opiniões ficaram divididas sobre os motivos do caso ter finalizado de forma tão trágica e uma das hipóteses levantadas diz respeito à forma com que o caso foi abordado como sendo de ordem privada, ou seja, um problema íntimo entre o casal em que muito não se podia intervir. Do mesmo modo é tratada a violência existente nos relacionamentos adolescentes, suscitada pelo ciúme patológico. Em tais situações, acontece de o agressor ser violento e depois se mostrar carinhoso e amoroso, pedindo desculpas por agir impulsivamente e justificando o ciúme pelo amor sentido à vítima. Assim, esta confia que o ciumento irá mudar seu comportamento e permanece alicerçando a relação, sem dar queixa às instituições jurídicas competentes. Também quem observa o relacionamento de fora não sabe até onde pode intervir; de prontidão, procura-se aconselhar a pessoa agredida sobre os prejuízos que tal vínculo amoroso pode oferecer.

Taquette (2009, p. 11) afirma que:

A cultura sexista/machista da sociedade brasileira representa uma restrição às ações preventivas... as relações privadas não se constituem numa questão a ser tratada pela sociedade. Por ser velada e de caráter menos letal, a violência contra a mulher é, conseqüentemente, mais difícil de ser visualizada (TAQUETTE, 2009, p. 11).

Taquette (2009) fundamenta que o modelo de gênero predominante na cultura ocidental vigente influencia no modo com que a violência contra a mulher adolescente é compreendida. Tal modelo difunde a figura masculina enquanto ser dominante, ativo, forte e competitivo, em contraponto à figura feminina passiva, submissa e frágil. Tais diferenças igualmente despontam na esfera sexual, onde “cabe ao homem ter muitas parceiras e à mulher, aceitar passivamente ser conquistada e submeter-se às regras do jogo sexual”.



Capítulo 7 - O ciúme nas relações amorosas adolescentes

Em um estudo desenvolvido por França (2011), realizou-se um levantamento sobre crimes de assassinato envolvendo casais no Brasil ao longo dos anos. Foi percebida a ocorrência de um grande pico de crimes passionais por volta da década de 70 até o início dos anos 80, uma atenuação nos anos 90 e 2000 e novamente um crescimento até os dias atuais. Notou-se que a maior incidência de vítimas era do sexo feminino e que até os anos 80 a ação criminosa cometida pelos homens era amenizada pela justiça e pela comunidade, por se compreender como sendo um ato em “legítima defesa da honra”, devido às respectivas mulheres deixarem seus companheiros para iniciarem um novo relacionamento. Entende-se que tal argumento obtinha valor na época, devido aos fundamentos culturais e sociais machistas. Avançando para os últimos anos, o estudo observou que tais crimes passaram a acontecer em casais com faixa etária jovem e que mantinham um relacionamento não estável, principalmente o namoro.

Os dados sobre o crescimento de crimes passionais envolvendo casais juvenis verificados cotidianamente na mídia e nas pesquisas de cunho social e científico nos levam a refletir acerca do nível de qualidade a que as relações amorosas dos adolescentes e jovens na atualidade estão submetidas. Ao mesmo tempo em que se assiste à difusão das relações fluidas, descompromissadas e o desejo de aproveitar a vida de acordo com as aspirações momentâneas; também se assinala as dificuldades em lidar com as perdas, rejeições e a possessividade que se apodera dos relacionamentos no entendimento de que o outro é parte de si e precisa corresponder às suas expectativas.

Neste sentido, faz-se relevante pensar e difundir, no que tange as relações afetivas adolescentes, que apesar de não se pretender manter um relacionamento estável premente, ao se ligar a uma pessoa, seja por uma noite, uma semana ou alguns meses, se está lidando com um ser humano; no qual o respeito pela integridade do outro deve ser preservado e exigido de modo saudável, mesmo que o vínculo criado não seja rijo e perpétuo.



Considerações finais

As relações amorosas iniciadas na vida adolescente, em geral, são a primeira experiência de paixão e amor explorados por uma pessoa. Observamos na atualidade que tais relacionamentos são experienciados de modo intenso, ao mesmo tempo em que apresentam a característica de busca das satisfações e desejos momentâneos, bem como o não comprometimento. O adolescente quer desfrutar da liberdade nas relações afetivas ao se lançar às situações a ponto de curtir o agora, o que cada experiência pode lhe proporcionar em dada ocasião. Em todo o caso, estando em uma relação fluida ou duradoura, o mesmo se insere em algo necessário para a constituição de sua identidade, a qual é influenciada nessa fase, pela identificação com os pares. O jovem vai se unir àqueles nos quais encontra alguma peculiaridade sua ou, então, que gostaria de ter. Por estar em processo de estruturação da identidade pessoal, sente necessidade em estar ligado a um grupo de iguais ou a um relacionamento afetivo que sustente essa etapa subjetiva.

Em tais relações amorosas frequentemente se constata a presença do ciúme. Este é sentido quando se está perante a ameaça à preservação de uma relação considerada valorizada, em que existe o receio de que um terceiro interrompa o vínculo. Para os adolescentes, comumente o ciúme é associado à prova de amor e cuidado para com o objeto amado, como se a partir da demonstração desse sentimento, também se assegurasse a existência do amor verdadeiro na relação. Na maioria dos casos, assiste-se à presença do ciúme considerado normal, o qual é apresentado em situações pontuais e baseado em evidências reais. O adolescente quer se sentir pertencente a algo que faz sentido à sua vida e que preserve os aspectos constitutivos de sua identidade. Assim, aquilo que se coloca enquanto ameaça à manutenção da segurança adquirida seja em uma relação adolescente efêmera ou consistente, mobiliza emocionalmente o próprio jovem, pois o entendimento apreciado é de que ao se perder um amor, perde-se também uma parte de si.

Por outro lado, nos últimos anos o denominado ciúme patológico tem ascendido nas relações juvenis. Esse tipo de sentimento



Capítulo 7 - O ciúme nas relações amorosas adolescentes

extrapola os limites de confiança de uma relação saudável, partindo de comportamentos de controle do outro, hostilidade, possessividade, até violência psicológica e física. Nessa situação, o ciumento busca dominar o objeto de amor, suspeita que o mesmo o está traindo, cerca o outro de desconfiança, ofensas e ameaças. Por trás de tal perfil ciumento se revela uma pessoa insegura e com a autoestima rebaixada, a qual deposita extremo valor e importância a alguém a quem ele se prende como forma de sentir-se aceito e seguro. A experiência de uma relação perpetuada pelo ciúme patológico traz malefícios e sofrimento para todos os envolvidos, ciumento e objeto do ciúme.

Em vista do que foi exposto, espera-se que a leitura do presente texto possa ter contribuído para o esclarecimento dos aspectos centrais da experiência vigente do ciúme nas relações amorosas adolescentes; assim como suscitado a ampliação da reflexão acerca do nível a que essas relações têm se configurado ultimamente. Pondera-se que quando se está diante do encontro entre duas pessoas, está-se perante a singularidade de cada uma delas, a qual se une no momento do encontro, do “ficar” ou do namoro. Por esse motivo, por mais que o objeto amado consiga satisfazer e completar afetivamente o outro, ele não é uma propriedade, e o respeito à sua vida humana deve ser mantido para se amparar um relacionamento saudável. Em outra medida, também nas nossas relações devemos identificar o quanto de valor estamos oferecendo ao outro e a nós mesmos. Não se pode atrelar todo o mérito da própria vida ao outro, pois se corre o risco de perder o sentido essencial e motivador da construção das próprias circunstâncias, da sua história de vida.

Referências

ALMEIDA, T. **O ciúme e suas conseqüências para os relacionamentos amorosos**. Curitiba: Certa, 2007.

ARREGUY, M. E.; GARCIA, C. A. The absence of jealousy as a cultural ideal: clinical reflections about the subjective fragility evoked by love in present times. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 22, n. 2, 755-778, 2012.



CANO, M. A. T. et. al. Auto-imagem na adolescência. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.1, n. 1, 1999. Disponível em: de <https://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/668/734#Revista>. Acesso em: 22 de abril de 2014.

CENTEVILLE, V.; ALMEIDA, T. Ciúme romântico e a sua relação com a violência. **Psicologia Revista. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde**, v, 16, n. 1/2, p, 73-91, 2007.

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1972.

ERIKSON, E. H. **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1971.

FRANÇA, V. V. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. **Caleidoscópio-Revista de Comunicação e Cultura**, n.10, p. 59-72, 2011.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo, SP: Unesp, 1991.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v.17, n.1, p. 61-77, 2005.

PINTO, M. P. P. O ciúme patológico: síndrome de Othello. **Revista Interatividade**, v. 1, n. 1, p. 99-110, 2013.

SANTOS, C.; MELO, M. Ciúme nas relações amorosas de adolescentes: questões de gênero e orientação sexual. In: PEREIRA, A. et al. (orgs.). **SIMPÓSIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA**, 7., 2013, Aveiro. **Livro de Atas...** Aveiro: Associação Portuguesa de Psicologia, 2013, p. 247-256.

SILVA, M. A. da. Breves reflexões filosóficas sobre o amor. **Prometeus Filosofia em Revista**, v. 1, n. 1, p. 1-7, 2008.



Capítulo 7 - O ciúme nas relações amorosas adolescentes

SILVA, T. L.; MEDRADO, B.; MELO, D. S. P. Meninas e meninos adolescentes construindo sentidos para o ciúme em suas relações afetivo-sexuais: violência disfarçada de amor!? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis, SC.

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos jovens. **Revista Psicologia-Teoria e Prática**, v. 15, n. 2, p. 33-45, 2013.

TAQUETTE, S. R. Violência entre namorados na adolescência. **Adolescência & Saúde**, v. 6, p. 6-12, 2009.

UNICEF. FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Situação mundial da criança 2011: adolescência uma fase de oportunidades**. 2011. Disponível em: www.unicef.org/brazil/pt/br_sowcr11web.pdf. Acesso em: 24 de agosto de 2014.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1989.

